

ANO XXII Nº 253
Junho / 2019



www.revistarural.com.br

Revista Rural

A revista do setor

R\$ 16,20

RRNEWS



**ESTÃO
CHEGANDO NOVOS**

DEFENSIVOS

Entrada de 42 novos produtos no mercado deve aumentar a concorrência e consequentemente baixar o custo do insumo

SUPLEMENTAÇÃO PARA ENFRENTAR A SECA

COMO PODEMOS ALIMENTAR MAIS PESSOAS USANDO A MESMA ÁREA DE PLANTIO?

Sementes que garantem um bom cultivo.
Tecnologias que contribuem para a produtividade
no campo. Informações que ajudam nas decisões
para a próxima colheita. Contamos com os
agricultores para alimentar o mundo, e eles podem
contar com a gente. Saiba mais em Corteva.com.br

CONTINUE CRESCENDO.





™ Marcas registradas da Dow AgroSciences, DuPont ou Pioneer e de suas companhias afiliadas ou de seus respectivos proprietários. ©2019 Corteva Agriscience.



Palmeira da pupunha ganha prestígio e ajuda na preservação da floresta

13



Assistência da Emater/MG transforma a vida de pequenos produtores

22



Fruticultura tem salto de produtividade com irrigação na região do São Francisco

49



Revista Rural é uma publicação mensal da Criação Assessoria Comunicação e Comércio Ltda - Rua Acuruá nº 547 - Vila Ipojuca - São Paulo/SP - CEP 05053-000 - PABX 11 3022-4260 - www.revistarural.com.br • **Diretor de Redação:** Flávio Albim (flavio@revistarural.com.br) **Repórter:** Bruno Zanholo (bruno.zanholo@revistarural.com.br) Tel 11 94369-6680 • **Diretora Comercial:** Ana Carolina Domingues Albim (carol@revistarural.com.br) **Contas especiais:** Viviane Romão (viviane.romao@revistarural.com.br) Tel 11 94369-6725 • **Edição digital:** disponível gratuitamente na Apple Appstore, Google Play e Amazon ou leia nossa edição online em <http://www.revistarural.com.br/>. **Siga Revista Rural no Facebook** (www.facebook.com/revistarural).

NOVO TELEFONE 11 3022-4260

REVISTA RURAL

ANO XXII
EDIÇÃO Nº 253
Junho/2019



NOVO SISTEMA DE CONTENÇÃO EASY LOCK

**CHEGA DE
PINGA PINGA
E BARULHO
NO CURRAL!**

Dê adeus às cremalheiras
e pistões hidráulicos
com a nova trava
Easy Lock Coimma.



SISTEMA SILENCIOSO



SEM MANUTENÇÃO



SEM ÓLEO



SEM SUJEIRA



LEVEZA E PRECISÃO

Invista na
tecnologia a favor
do seu negócio!



Leia o QR Code
em seu celular
e saiba mais!



www.coimma.com.br

0800 11 2555 | (18) 3821-9900

 /coimma  @coimma  /coimma

INOVAÇÃO
TECNOLOGICA
PARA PECUÁRIA



PLANO SAFRA 2019/2020

PLANO SAFRA É ANUNCIADO E CONTARÁ COM R\$ 225 BILHÕES PARA O AGRO

O governo federal lançou o Plano Safra 2019/2020, que irá atender pequenos, médios e grandes produtores, todos juntos em um único plano após 20 anos. O plano prevê R\$ 225, 59 bilhões para apoiar a produção agropecuária nacional. Do total, R\$ 222,74 bilhões são para o crédito rural (custeio, comercialização, industrialização e investimentos), R\$ 1 bilhão para o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) e R\$ 1,85 bilhão para apoio à comercialização.

“Toda a agricultura, independentemente de seu porte, desempenha papel fundamental para garantir a nossa segurança alimentar e de nossos 160 parceiros comerciais. Então essa é a primeira vez, depois de muito tempo, que lançamos um único Plano Safra. Fato que merece ser realçado: temos enfim

uma só agricultura alimentando com qualidade o Brasil e o mundo”, destacou a ministra Tereza Cristina (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) no anúncio, acompanhado por diversos ministros, secretários do ministério, parlamentares e representantes dos setores agrícola e pecuário.

O presidente Jair Bolsonaro elogiou a construção conjunta da equipe de governo para o Plano Safra e destacou inovações como a disponibilização de recursos, R\$ 500 milhões, para os pequenos produtores aplicarem na construção e reforma de suas casas.

“Foi uma construção que passou por muita gente. Eu fico muito feliz de estar à frente de um governo onde todos se falam entre si. Aqui não há briga política, apenas para que cada um possa servir o Brasil”, disse Bolsonaro.



Programa DESEMPENHO MÁXIMO

+Bezerros

+Carne
Pasto

No período de seca, mantenha o

RENDIMENTO DO SEU REBANHO



MATSUDA

(18) 3226 2000-SP

(35) 3539 1800-MG

www.matsuda.com.br



grupomatsuda



COMO A BIOTECNOLOGIA PODE AJUDAR A CONSERVAR A BIODIVERSIDADE

O mais completo estudo sobre a população de plantas no mundo revela riscos alarmantes de extinção para algumas espécies vegetais. Segundo a publicação, desde 1900, praticamente três espécies de plantas produtoras de sementes foram extintas por ano. Esse é um ritmo 500 vezes maior do que ocorreria se fossem consideradas apenas causas naturais. O projeto analisou mais de 330 mil espécies e descobriu que as plantas em ilhas e nos trópicos são as mais sensíveis a esse processo de extinção.

Para a diretora executiva do Conselho de Informações sobre Biotecnologia (CIB), a doutora em biologia Adriana Brondani, é necessário agir imediatamente para preservar a biodiversidade e adotar práticas conservacionistas. “Precisamos lançar mão de inovações como a biotecnologia para produzirmos mais alimento por área e para dar às plantas as características genéticas necessárias para que se desenvolvam nesse cenário adverso”, afirma.

O trabalho deriva de um banco de dados compilado pelo botânico Rafaël Govaerts no Royal Botanic Gardens, Kew, em Londres. Govaerts iniciou a catalogação em 1988 para rastrear os status de todas as espécies de plantas conhecidas. Quase três décadas depois, em 2015, o cientista se uniu à bióloga evolutiva de plantas Aelys Humphreys, da Universidade de Estocolmo, na Suécia, e a outros pesquisadores para analisar os dados. A equipe descobriu que cerca de 1.234 espécies haviam sido extintas desde a publicação do compêndio de espécies de plantas de Carl Linnaeus, *Species Plantarum*, em 1753. Mais da metade dessas espécies foram redescobertas ou reclassificadas como vivas mas, ainda assim, 571 são presumidas extintas.

Embora os pesquisadores tenham cuidado cuidadosamente o banco de dados de extinção de plantas, os números do estudo são quase certamente uma subestimativa do problema. Segundo Jurriaan de

SUA TERRA MERECE A MELHOR SEMENTE



**SEMENTES
DE ALTA PUREZA**



GARANTE O QUE FAZ

www.pastobras.com.br



Pastobras, novamente a marca mais lembrada
no segmento de integração Lavoura-Pecuária-Floresta



Vos, filogeneticista da Universidade de Basel, na Suíça, algumas espécies de plantas são “funcionalmente extintas”, e estão presentes apenas em jardins botânicos ou em números tão pequenos na natureza que os pesquisadores não esperam que a população sobreviva.

Fenômenos como secas e ondas de calor podem afetar a produção de lúpulo. Nos Estados Unidos, a maior parte do ingrediente é cultivado no Yakima Valley (estado de Washington), região para a qual espera-se um aumento de temperatura e ocorrência de secas devidos às mudanças climáticas. A possível alternativa seria substituir o ingrediente da cerveja por leveduras transgênicas estudadas atualmente pelo cientista Davis Charles Denby, da Universidade da Califórnia. Segundo ele, a troca do tradicional ingrediente também viabilizaria a diminuição de impac-

tos ambientais, uma vez que a produção de lúpulo demanda intenso consumo de água.

Cientistas acreditam que o alimento pode estar próximo de sua extinção e o motivo tem a ver com a forma de plantação da fruta, que é realizada por meio de clones de uma única planta mãe, e, portanto, suscetíveis às mesmas doenças. Uma, em especial, preocupa os produtores: a causada pelo fungo *fusarium oxysporum*, identificado em 1950 e responsável por atacar plantações do alimento. Ele evoluiu ao longo dos anos e agora ameaça também variedades da fruta que antes não eram afetadas. Segundo Adriana Brondani, diretora-executiva do Conselho de Informações sobre Biotecnologia (CIB), “é possível aumentar a variabilidade genética da banana por meio do desenvolvimento de plantas geneticamente modificadas”.



 www.lojaurbano.com.br
 (11) 2628.5601



Caixa Agrícola

- Espaço da gravação personalizada
- Ombreiras para facilitar o transporte
- Dimensões: A31 x L36,5 x C55 cm
- Peso: 1,800 kg
- Capacidade de Carga: 25 kg
- Empilhamento Máximo – 275 kg

Cores: 



Hortifruti Granjeiro

- Espaço para gravação personalizada
- Dimensões: A31 x L57 x C77 cm
- Peso: 4,100 kg
- Capacidade de Carga: 50 kg
- Empilhamento – 300 kg

Cores: 



Meia Caixa

- Espaço da gravação personalizada
- Caixa Paletizável
- Dimensões: A17 x L40 x C60 cm
- Peso: 1,530 kg
- Capacidade de Carga: 12 kg
- Empilhamento – 144 kg

Cores: 



Piso de Plástico

- Dimensões: A4,5 x L50 x C50 cm
- Sistema de encaixe macho-fêmea
- Reduz o atrito em 90%
- Peso: 1,790 kg

Cores: 

Enviamos para todo o Brasil - Contamos com outros modelos, **consulte-nos** - contato@lojaurbano.com.br

4º Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio

AGIR - Ação Global: Integração de Redes



**A VOZ
FEMININA
SOBRE TODA
A CADEIA DO
AGRO.**

08 e 09
de outubro de 2019
Transamerica Expo Center - SP

Inscriva-se:
mulheresdoagro.com.br

Vagas limitadas!

Norma Gatto,
produtora rural,
pecuarista, mãe
e empresária.

#MINHA VOZ NO AGRO



Patrocinador Diamond



Patrocinador Master



Patrocinador Premium



Patrocinador Top



Apoio



Aliança Estratégica



Promoção,
Organização e Realização



Apoio
Institucional



Coordenação
de Conteúdo



Prof. José Luiz Tejon Megido



Amiga da floresta

Palmeira pupunha se destaca como matéria-prima do palmito e na preservação de árvores nativas.

Entre os produtos florestais não madeireiros, a produção de palmito a partir da pupunha tem se destacado como alternativa viável para preservar espécies nativas da Mata Atlântica e como fonte de renda para pequenos e médio produtores. A pupunha é uma palmeira originária da região amazônica que permite a extração do palmito de forma sustentável e econômica.

Uma das plantações de pupunha bem-sucedidas do país está em Antonina, interior do Paraná. Com cerca de 600 mil metros quadrados de área plantada, a propriedade de Geraldo Geiri tem pelo menos 200 mil pés de pupunha, que gera a produção mensal de sete toneladas de palmito e abastece o mercado de Curitiba e região. Cansado do mercado financeiro, Geiri conta que decidiu apostar na produção de palmito a partir da pupunha por influência da Empresa de Assistência Técnica

e Extensão Rural (Emater) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Florestas. “Eu queria sair do mercado financeiro, estudei um plano B e cheguei na questão da pupunha. Na época, quase ninguém plantava pupunha. Basicamente, os palmitos eram do extrativismo ilegal. Eu vi uma oportunidade, vi que o futuro da produção de palmito era pupunha”.

A aposta de Geiri deu certo. O investimento no cultivo de pupunha começou em 2005 e já em 2008, ele montou uma pequena indústria e começou a envasar e comercializar os palmitos do pró-





prio cultivo. “Realmente, é algo que deu certo, já me realizei como produtor rural. É uma pequena indústria. Faço basicamente só o palmito que eu produzo mesmo. Eu plantei 160 mil pés, produzi uns 130 mil pés e hoje eu vivo só da indústria e da plantação”.

Além de ter desenvolvido uma nova fonte de renda, Geiri comemora o ganho ambiental proporcionado pela plantação de pupunha. Quando comprou a propriedade, há 15 anos, o local

era tomado por pasto, hoje a região está toda plantada e verde.

Ele também destaca a simplicidade do manejo e dos cuidados com a pupunha, comparada a outras culturas. Uma das vantagens é a economia no uso de fertilizantes e defensivos, já que a planta não atrai pragas. “É tudo simples, a indústria é toda manual, o corte é manual. Depois todo o resíduo que fica do palmito eu amontoio e jogo na terra. Não tem lixo, todo resíduo do palmito volta para o

O Brasil é um dos maiores produtores e consumidores de palmito do mundo. Em 2018, o país exportou mais de 291 toneladas, volume que rendeu o montante de US\$ 1,64 milhões

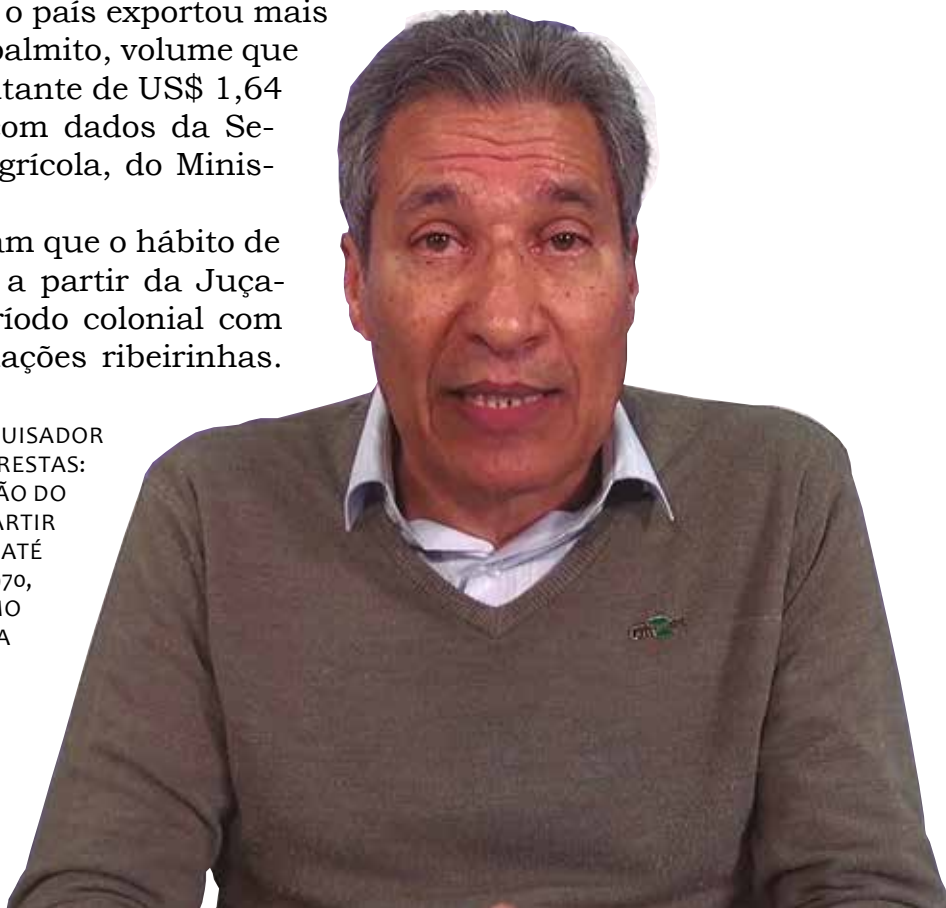


solo e vira adubo para a própria plantação”, explicou.

De acordo com dados da Embrapa, o Brasil é um dos maiores produtores e consumidores de palmito do mundo. Em 2018, o país exportou mais de 291 toneladas de palmito, volume que rendeu ao país o montante de US\$ 1,64 milhões, de acordo com dados da Secretaria de Política Agrícola, do Ministério da Agricultura.

Os registros apontam que o hábito de consumo de palmito a partir da Juçara existe desde o período colonial com os indígenas e populações ribeirinhas.

ÁLVARO FIGUEREDO, PESQUISADOR
DA EMBRAPA FLORESTAS:
“A COMERCIALIZAÇÃO DO
PALMITO PRODUZIDO A PARTIR
DA JUÇARA FOI INTENSA ATÉ
MEADOS DA DÉCADA DE 1970,
MAS PERDEU FORÇA COMO
MATÉRIA-PRIMA DEPOIS DA
INTRODUÇÃO DA PUPUNHA”.





Segundo o pesquisador da Embrapa Florestas, Álvaro Figueredo, a comercialização do palmito produzido a partir da Juçara foi intensa até meados da década de 1970, mas perdeu força como matéria-prima depois da introdução da pupunha, que leva menos tempo para produzir o palmito.

“A palmeira Juçara sempre foi matéria-prima para preparar aquele palmito que vem envasado no vidro. Mas, o que ocorreu com essa palmeira? Ela é unicau-
le, quer dizer, quando corta ela morre e há necessidade de ser feito um outro plantio. E ela só vai estar pronta para um novo corte dentro de três, quatro anos. Então, com essa exploração começou a



diminuir a oferta da palmeira Juçara na Mata Atlântica”, explicou Figueredo.

A escassez da Juçara levou os agricultores a buscarem outras alternativas de produção de palmito. E a fonte veio de outro importante bioma brasileiro: a Amazônia. Na floresta amazônica, o açaí foi a solução encontrada para substituir a palmeira da Mata Atlântica. E ainda na década de 1980, começaram os trabalhos com a pupunha, nativa da

Amazônia Peruana. “A vantagem da pupunha é que ela é uma palmeira que tem um caule específico, que perfila e forma filhotes, igual a uma bananeira. Então, é possível o produtor cortar a mesma palmeira ao longo de vários anos. Enquanto a Juçara demora em torno de três anos pra ter um palmito disponível, a pupunha leva a partir de 15 meses de idade”, explicou o pesquisador.

Outra característica da pupunha destacada por Figueredo é

A vantagem da pupunha é ela ter um caule que perfila e forma filhotes, igual a uma bananeira. Assim, é possível o produtor cortar a mesma palmeira ao longo de vários anos.



que ela não escurece, podendo ser comercializada in natura, o que despertou o interesse de chefs de cozinha para diversificar o cardápio dos restaurantes. “Nós sabemos que a participação no mercado está aumentando e que hoje tem uma boa aceitação. Inclusive, a Embrapa está editando um livro de receitas de palmito, porque há uma demanda de chefs e cozinheiros”, comentou.

A Embrapa estima que o Brasil tenha em torno de 30 mil hectares de palmito plantados, sendo que 20 mil hectares são de pupunha. Há registro de grupos trabalhando com a nova palmeira em Santa Catarina, Paraná, Vale do Ribeira (SP), Goiás e Bahia, entre outros.

Impacto econômico

A pupunha também se tornou a alternativa mais viável para os produtores de palmito do baixo sul da Bahia, região de Mata Atlântica onde predomina a agricultura familiar e a produção de diferentes produtos, como cacau, banana, guaraná, borraça e dendê. No território baiano, os primeiros plantios de pupunha foram implantados no início da década de 90, com apoio da Comissão Executiva da Lavoura Cacaueira (Ceplac), do governo estadual da Bahia



e da iniciativa privada. Neste período, também começaram a ser instaladas as primeiras empresas e indústrias de palmito na região, até que em 2004, um grupo de agricultores criou a Cooperativa dos Produtores de Palmito do Baixo Sul da Bahia (Coopalm), no município de Ibirapiuna.

A cooperativa fomentou o plantio da pupunha em agricultura familiar em 19 municípios do baixo sul da Bahia e pelo menos 90 comunidades rurais fornecendo sementes e dando assistência técnica, inclusive com profissionais do Equador e Costa Rica, considerados os maiores produtores de pupunha da América. “A região aqui do sul da Bahia se assemelha com a Amazônia. Chove bem, as temperaturas variam de 22 a 25 graus, o clima é bastante úmido, a pluviosidade acima de 2.200 milímetros por ano, solos profundos, solos arenosos, então, a pupunha encontrou aqui uma região propícia para seu desenvolvimento”, explicou Alexandre Felix Ribeiro, produtor de pupunha do município Ituberá.

Com produção média mensal de 500 mil hastes de palmito por mês, os agricultores da região também encontraram na pupunha a possibilidade de ter uma renda praticamente fixa, principalmente para os que produzem somente palmito e para os cooperados de assen-



tamentos rurais que já viveram em situação de extrema pobreza. “Do ponto de vista da agricultura familiar, a pupunha foi um divisor de águas, porque ela produz o ano todo, de janeiro a dezembro. Então, ela equilibra o fundo de caixa do produtor rural. Todo mês ele corta palmito, entrega pra indústria e recebe aquele dinheirinho que faz parte da produção da família”, explicou. De acordo com o produtor, quando ele encontra uma cultura que garante a sobrevivência, ele não tem porque avançar nos recursos naturais da região. “De certa forma, a produção de pupunha está preservando as outras espécies”, argumenta.

Assim como o produtor do Paraná, Ribeiro também apro-

veita os resíduos da pupunha para produzir matéria orgânica e melhorar a qualidade do solo. Segundo ele, um hectare de pupunha fornece por ano quase 10 toneladas de cobertura vegetal morta que se decompõe e se transforma em adubo para a terra. “Uma planta de pupunha inteira tem de sete a dez quilos, mas eu só tiro da roça dois quilos, que são as capas e o palmito propriamente dito que vai pra indústria. O restante do material fica de cobertura morta que vai apodrecendo e a gente nota uma grande melhoria no solo”.

As plantas são cultivadas no sistema agroflorestal, que forma um adensamento grande entre cada muda, favore-

cendo a formação de sombra, a proteção do solo contra erosões que poderiam ser causadas pela força da chuva e o uso reduzido de agroquímicos. “É uma cultura que dispensa o uso de inseticidas, fungicidas e nematicidas. A gente só tem uma praga aqui, o nome dela é *metamasius*, que tem o mesmo princípio do moleque da banana, mas a gente adota técnicas agrícolas que impedem o seu desenvolvimento”.

Como o palmito é um tipo de folha que precisa de muita água para ter um crescimento normal, um dos principais desafios para os produtores é en-

frentar os períodos prolongados de estiagem. Mesmo com a seca cada vez mais comum na região, a produção tem crescido e já atende mercado consumidor de outros estados do país. Cerca de 80% dos palmitos produzidos na cooperativa é vendido para São Paulo e Rio de Janeiro. Eles também fornecem os para os estados do Paraná e Santa Catarina e estão fazendo alguns ensaios de exportação, inicialmente para a França. “Precisamos fortalecer e consolidar a base produtiva, porque a demanda do mercado está crescendo”, comentou Ribeiro.



 **EXTENSÃO RURAL**

Ajuda é sempre bem-vinda

Assistência Técnica e Extensão Rural garantem renda até
“três vezes maior” a mais de 400 mil agricultores.

A close-up portrait of an elderly woman, Salette Gomes Pereira, with short, dark, curly hair. She is looking slightly to the right with a gentle expression. She is wearing a patterned top with yellow, black, and white stripes and spots. A green parrot is perched on her right shoulder, its head turned towards the camera. The background is dark and out of focus.

SALETE GOMES PEREIRA,
DE 48 ANOS, É MÃE DE
OITO FILHOS. PRODUZ
HORTALIÇAS E É
MORADORA DO
ASSENTAMENTO MONTE
CRISTO, NO MUNICÍPIO
DE MALACACHETA,
NO VALE DO MUCURI,
EM MINAS GERAIS.

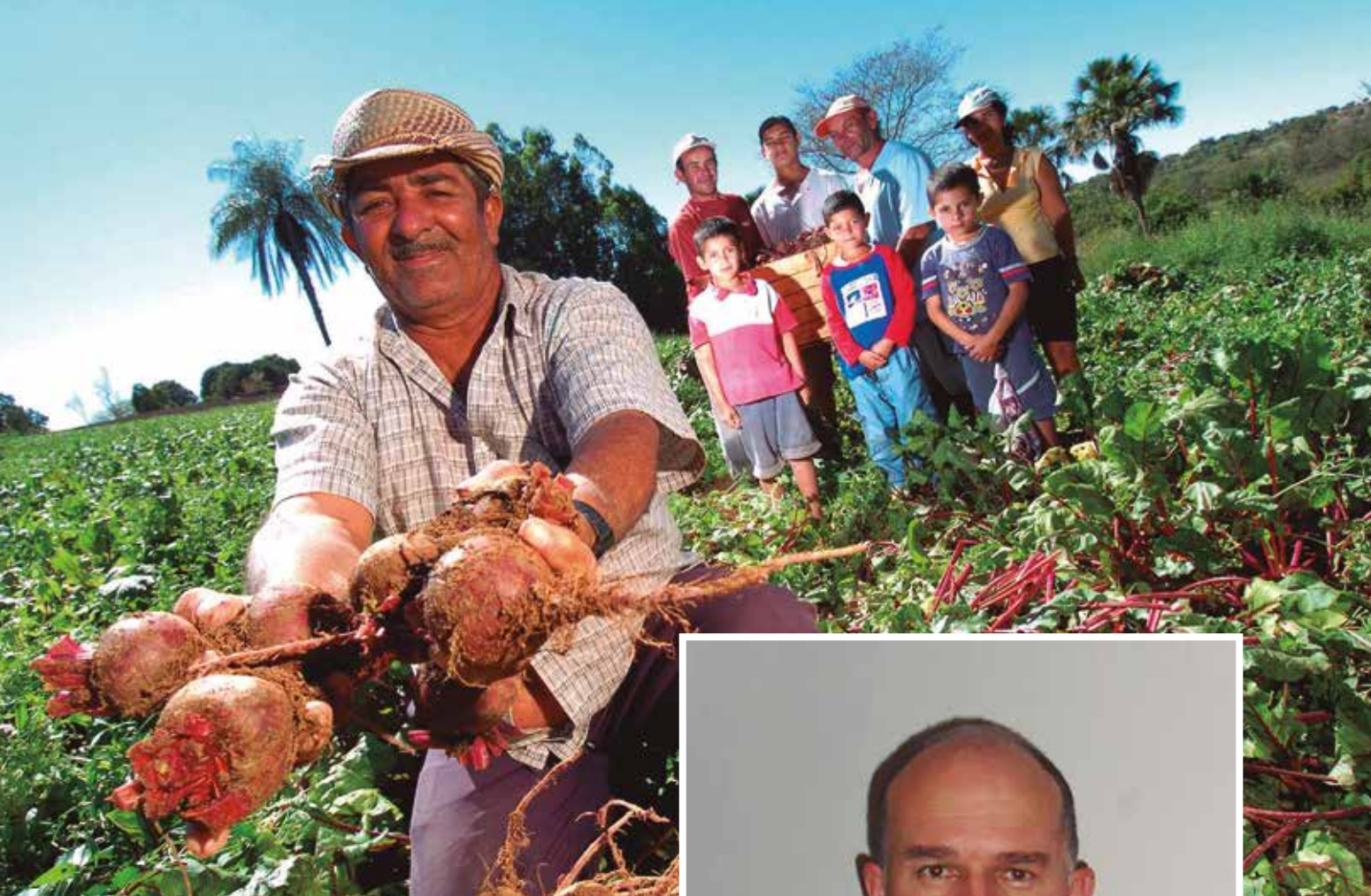


“Se o campo não planta, a cidade não janta. Se o campo não roça, a cidade não almoça”, diz o velho ditado. É a força do trabalhador rural que abastece as nossas mesas. É também no trabalho no campo que está grande parte da geração de renda no país. Segundo os dados mais recentes, do Censo Agropecuário de 2017, feito pelo IBGE, em Minas Gerais mais de 606 mil pessoas trabalham em 161.469 estabelecimentos rurais. No país, são mais de 5 milhões de empregados em quase 1,2 milhão de estabelecimentos rurais.

Para garantir melhor renda para esses trabalhadores, grande parte empregada na agricultura

familiar, a Assistência Técnica e Extensão Rural é essencial. De acordo com o censo anterior, os agricultores familiares que recebem assistência técnica e extensão rural têm renda média de R\$ 2.139, ao passo que os que não contam com esse apoio têm renda média de apenas R\$ 700, isso representa uma diferença de até três vezes mais.

Por meio da Assistência Técnica e Extensão Rural os produtores rurais têm acesso a informações, políticas públicas, tecnologias e uma série de ações que qualificam o trabalho e os produtos do campo, garantindo mais renda para quem produz e alimentos saudáveis para quem consome.



Em Minas Gerais, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (*Emater-MG*) atende, anualmente, cerca de 400 mil produtores rurais. Trabalho que impacta vidas, como da agricultora Salete Gomes Pereira, de 48 anos, mãe de oito filhos, moradora do Assentamento Monte Cristo, no município de Malacacheta, no Vale do Mucuri. Há 16 anos ela recebe assistência da empresa pública, que vai além da orientação para o cultivo eficiente e sustentável de suas hortaliças, mas também para ampliar mercado e, consequentemente, a sua renda e de toda família.

Com assistência da Emater-MG, a agricultora passou a vender sua produção por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), que repassa os alimentos para as escolas do município. Tam-



ROGÉRIO TEIXEIRA
LAGES, TÉCNICO
LOCAL DA
EMATER-MG.



AGUINALDO GOMES
DE SOUZA, PRODUTOR
DE ALIMENTOS EM
MALACACHETA./MG:
“SEMPRE QUE EU
PRECISAR, OS TÉCNICOS
DA EMATER VÊM AQUI”.

Por meio da Assistência Técnica e Extensão Rural os produtores têm acesso a informações, políticas públicas, tecnologias e uma série de ações que qualificam o trabalho e os produtos do campo.

bém comercializa na feira livre de mulheres e no mercado municipal. Com auxílio dos técnicos da empresa, Salete também qualificou sua produção, com a construção de uma estufa para proteger as hortaliças. A melhoria foi possível com recursos de uma outra política pública, o programa Brasil Sem Miséria. A renda com a produção de hortaliças já

possibilitou a compra do próprio carro, que a agricultora usa para entrega das mercadorias. “A Emater é importante porque me possibilitou o acesso a es-

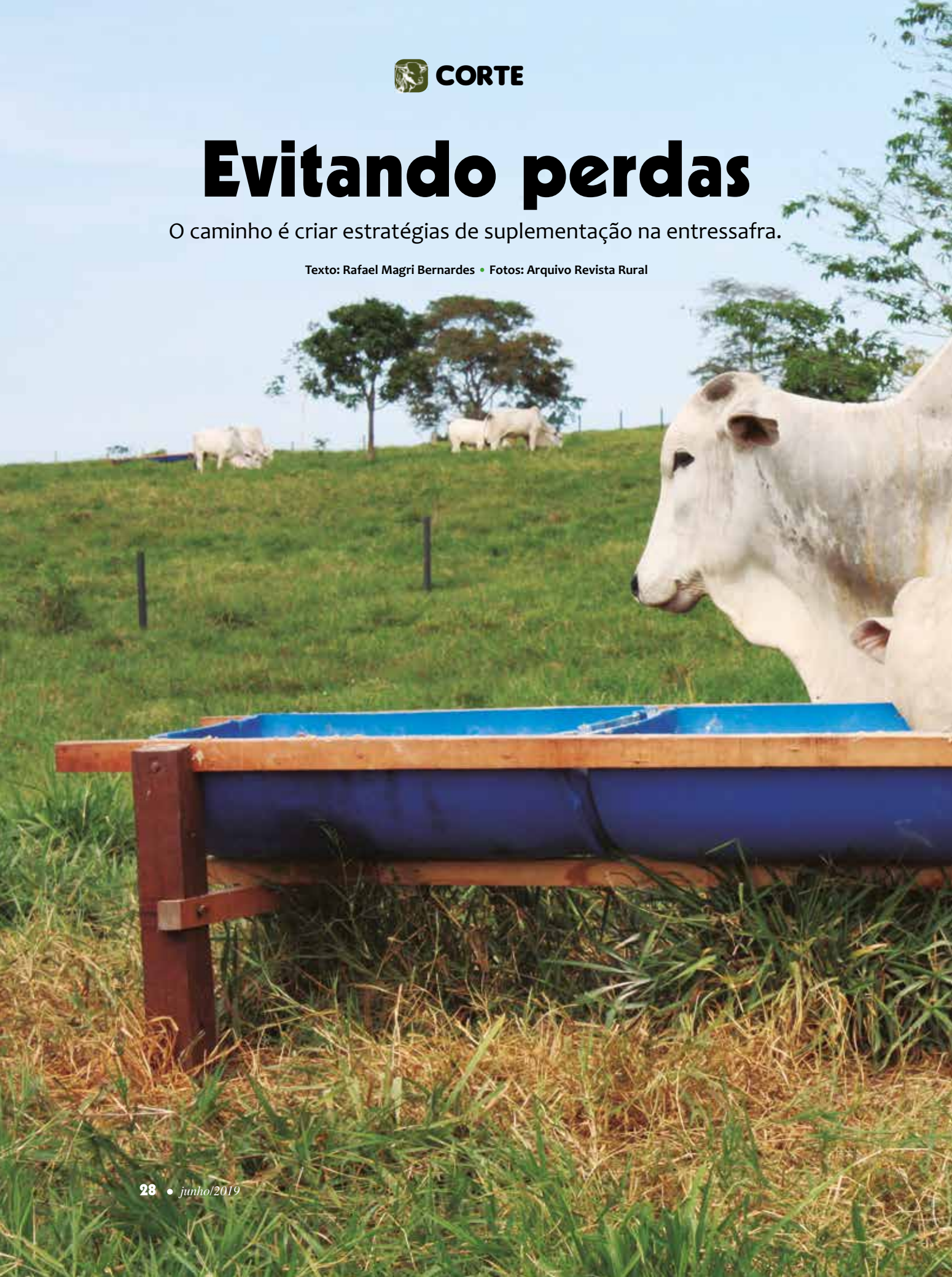
ses programas”, reconhece. A estufa tem ajudado a proteger as plantas de chuvas e pragas e ainda possibilitou a economia de água, porque evita a evaporação da umidade da terra. “Num clima de semiárido, como está se tornando Malacacheta, isso é bem importante”, explica o técnico local da Emater-MG, Rogério Teixeira Lages.

Também em Malacacheta, o meeiro Aguinaldo Gomes de Souza produz alimentos diversos, em uma área de 5,75 hectares. Com assistência da Emater-MG, Aguinaldo diversificou a produção e hoje cultivava hortaliças, banana, acerola, laranja, fruta-pão e pitanga, além de ter criação de peixes (*tilápias e tambaqui*), galinhas caipiras e vacas leiteiras, que rendem leite suficiente para a produção de doces, mais um item para incrementar a renda da família. Toda a produção é comercializada através do Pnae. Com novos projetos, Aguinaldo trilha o próprio caminho, com uma certeza: “Sempre que eu precisar, os técnicos da Emater-MG vêm aqui”.

Evitando perdas

O caminho é criar estratégias de suplementação na entressafra.

Texto: Rafael Magri Bernardes • Fotos: Arquivo Revista Rural







Chegou a seca em 2019. Além de muitas variáveis no cenário econômico e político, as oscilações e previsões nos mercados de grãos e proteinados tem deixado o produtor preocupado, porém ele deve sempre optar por otimizar seus lucros, perante a mudança na qualidade do capim nessa época. Optar por proteinados de melhor desempenho é a ferramenta mais rápida para buscar melhores resultados a pasto. Reformar pasto, fazer rotacionado, adubar, vedar piquete, deixar sobrar macega, etc. Muitas vezes são planejamentos para ano seguinte ou vão envolver muitos outros fatores para tomada de decisão. Escolher

o proteinado certo hoje, pode dar resultado já no fim do mês.

A diversidade de produtos para suplementação e a destinação de cada um deles também preocupa o produtor rural no momento de tomar a decisão sobre qual suplemento proteinado ele deve optar. Procurar menor custo? O de menor consumo? Buscar maior ganho de peso? Ou escolher o produto e/ou estratégia de melhor resultado?

O ideal é que o produtor busque sempre o melhor aporte de minerais em todas as opções, atingindo as exigências de ganho e saúde de cada categoria e seus desafios diários. Mas para melhorar de forma lucrativa, o ganho de



RAFAEL MAGRI BERNARDES, TÉCNICO DA MATSUDA: “VARIAÇÕES NAS CONDIÇÕES AMBIENTAIS COMO TEMPERATURA, LUMINOSIDADE E CHUVAS, SÃO RESPONSÁVEIS PELAS ALTERAÇÕES NAS ESTRUTURAS DAS PLANTAS FORRAGEIRAS, MODIFICANDO SEU VALOR NUTRICIONAL, DIMINUINDO ASSIM SUA DIGESTIBILIDADE E TEÔR DE NUTRIENTES, PRINCIPALMENTE DE PROTEÍNA”.

peso e reprodução à pasto na fazenda, é necessário o uso de proteínados de consumos variados e em diferentes épocas do ano. O ideal é fazer simulações de viabilidade em todos os lotes.

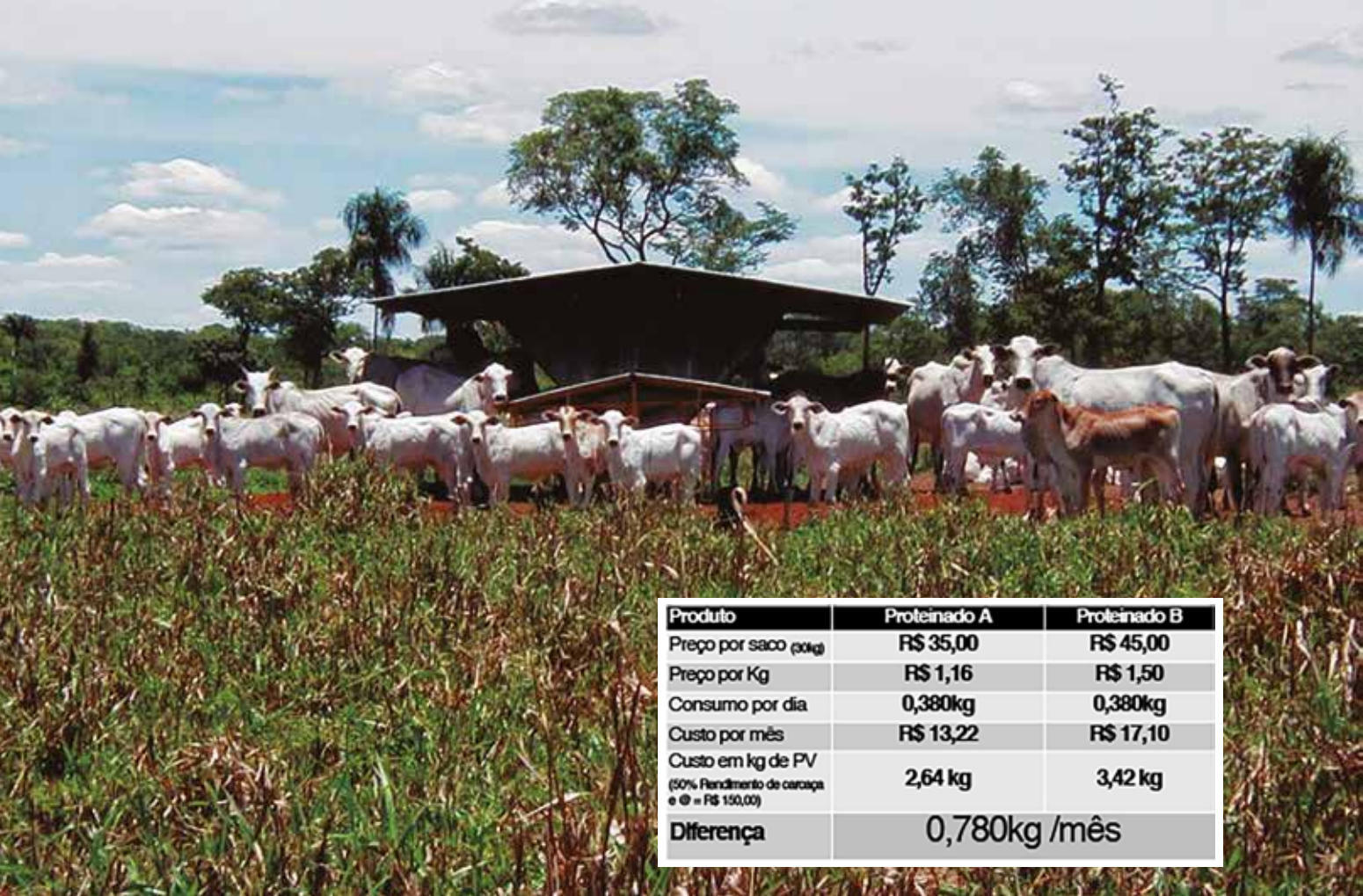
Sugestões de estratégias de suplementação de alto, médio e baixo desempenho tem que estarem totalmente correlacionadas com a qualidade e disponibilidade das pastagens. E estarem juntas de plano econômico na tomada de decisão.

Variações nas condições ambientais como temperatura, luminosidade e chuvas, são responsáveis pelas alterações nas estruturas das plantas forrageiras, modificando seu valor nutri-

cional, diminuindo assim sua digestibilidade e teôr de nutrientes, principalmente de proteína. Essa, quando falta, diminui o crescimento dos microorganismos do rúmex e, conseqüentemente, a digestão da forragem. O boi pára de ganhar peso na seca. Lembrando que algumas categorias necessitam de um investimento nas fases iniciais para trazerem mais retorno no futuro (desmama, recria, primíparas).

Quanto custa a tecnologia?

O produtor deve avaliar se o investimento na nutrição vai retornar em benefícios reais. Um proteína-do mais caro vale a pena? O pro-



Produto	Proteinado A	Proteinado B
Preço por saco (50kg)	R\$ 35,00	R\$ 45,00
Preço por Kg	R\$ 1,16	R\$ 1,50
Consumo por dia	0,380kg	0,380kg
Custo por mês	R\$ 13,22	R\$ 17,10
Custo em kg de PV (50% Rendimento de carcaça e @ = R\$ 150,00)	2,64 kg	3,42 kg
Diferença	0,780kg /mês	

dutor tem que fazer as contas de custo por animal e avaliar não só a proteína e consumo, mas as dosagens de minerais e também a digestibilidade das matérias primas envolvidas. Dependendo do processamento e quais farelos estão sendo usados na composição, podem variar o aproveitamento no trato digestivo do animal. São vários os fatores relacionados a isso.

Após essa avaliação criteriosa, transforme a diferença em reais do custo de cada opção nutricional, em quantidade de @ ou quilos de peso vivo, para pagar essa diferença. Essa medida o produtor sabe avaliar melhor, pois sabe que um produto de melhor qualidade faz o animal ganhar mais peso e render

mais carcaça. Quando há mensuração, o produtor consegue enxergar muitas vezes que uma diferença considerável no preço por saco de proteinados pode fazer o barato sair mais caro!

Um produto de melhor qualidade faz o animal ganhar mais peso e render mais carcaça? São muitos aspectos envolvidos pra descobrir o potencial do ganho, principalmente na entrada da seca e seca propriamente dita, devido a grande discrepâncias em cada produtor. Mas ao comparar preços, deve-se calcular o desempenho mínimo para custear o investimento. Quando transformamos os custos de cada estratégia e produto e comparamos na mesma moeda, ganho de peso nes-

**SAVE
THE
DATE**

**SUPER
EARLY BIRD
10% OFF
ATÉ 28/08**



#DATAGROSP

**28 e 29
de outubro
de 2019**

19ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DATAGRO SOBRE AÇÚCAR E ETANOL

**ETANOL COMO ARTICULADOR
DO SETOR**

LOCAL:
Grand Hyatt
SÃO PAULO,
BRASIL

INSCRIÇÕES ABERTAS



Participe de um dos mais importantes eventos

do calendário mundial
do setor de açúcar, etanol,
energia e biocombustíveis.
O foco é valorizar
o conteúdo de mercado,
disseminar conhecimento
de novas tecnologias
e políticas públicas, além
estimular o networking
entre os participantes.

A inscrição inclui:

Acesso às apresentações,
mediante autorização
do palestrante; Material
da Conferência; 15 dias de
acesso gratuito ao Análises
& Tendências (A&T); Relatório
diário sobre os mercados de
Açúcar e Etanol no seu e-mail;
Participação no Café de
boas-vindas, intervalos
e coffee-breaks, e Coquetel
de Relacionamento.

CONFERENCES DATAGRO.COM
CONFERENCIA@DATAGRO.COM
+55 (11) 4133 3944



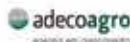
/datagro

Plante a marca da sua empresa nos
principais eventos de conteúdo e
relacionamento do agronegócio mundial.

Patrocinador:



Apoio:



Colaboração:



Realização,
Organização
e Curadoria:



Parceiro
de Mídia:





se caso, muitas vezes o custo extra do suplemento se paga com pouco desempenho a mais. Sendo muito viável.

Para o produtor escolher qual desempenho seus lotes terão, depende da qualidade e quantidade das folhas que serão ofertadas no pasto, ou seja, da qualidade da macega. Depois disso, deve-se avaliar qual o objetivo do lote: manter o peso, desenvolver carcaça, terminar carcaça e em qual velocidade. Algumas demandas, como acabamento de carcaça, precisam de volumes maiores de nutrientes e muitas vezes leva o produtor a optar por introduzir maiores volumes de concentrado. Nessa hora, o cuidado com os custos devem ser redobrados, pois muitas vezes

pode ficar caro e não compensar. Devemos acelerar o funcionamento do rumem com proteinados o ano todo, principalmente nas águas onde temos mais substrato para ser digerido, o pasto verde e produtivo.

Planejar o ciclo de produção animal e sua demanda por nutrientes, juntos com a oferta de pasto ao longo do ano, são alternativas para buscar maior desempenho por hectare. Uso de piquetes, adubação, confinamento, irrigação, e outras tecnologias, sempre devem ser feitas com uso de técnicas adequadas e prévio planejamento financeiro. O acompanhamento técnico, para validar as decisões, é fundamental. Nem sempre a grama do vizinho é mais verde. Ainda mais na seca.

O maior evento dos setores no Brasil



SIAVS
SALÃO INTERNACIONAL
DE AVICULTURA E SUINOCULTURA

27 a 29 de agosto de 2019

Anhembi | São Paulo | Brasil

FEIRA & CONGRESSO

Visite nosso site para saber mais: www.siavs.com.br

✉ siavs@abpa-br.org

☎ +55 11 3095-3120

📱 /SiavsBR

Realização:

ABPA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL

Capella

Patrocinadores:



Apoio:



Media Partner:



Jóia dos pampas

Pesquisas potencializam cultivo e qualificam
exploração econômica do butiá

Texto: Elaine Pinto • Fotos: Fernando Dias







O fruto é tão representativo do Rio Grande do Sul que tem seu próprio ditado popular – afinal, todo gaúcho já deixou “os butiás caírem do bolso”. O sabor característico e que remete à infância de muitos, porém, ainda depende muito da atividade extrativista, em árvores de mata nativa, para chegar ao consumidor final. Com uma demanda que supera a oferta, a necessidade de implantar pomares de butiá para cultivo comercial tornou-se um desafio que o Departamento de Diagnóstico e Pesquisa Agropecuária da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural (Seapdr) se propôs a enfrentar há mais de 10 anos.

“Este trabalho demonstra que o Estado tem interesse no desenvolvimento de culturas que possam ampliar nossa diversidade produtiva, aproveitando uma espécie nativa”, afirma o secretário da Seapdr, Covatti Filho.

Linhas de pesquisa desenvolvidas desde 2008, quando o departamento ainda era a Fepagro, procuram superar alguns dos principais obstáculos para que o butiazeiro seja visto como uma cultura com bom potencial produtivo e econômico. Um deles é a dormência das sementes, que podem levar até dois anos para germinar. Com um método elaborado a partir de suas pesquisas sobre o butiá, os pesquisado-



res Gilson Schlindwein e Adilson Tonietto conseguiram reduzir o tempo de germinação para cerca de um mês. “Até então, ninguém produzia muda de butiazeiro a partir de sementes, pelo tempo que levava para germinar. Com essa metodologia, a germinação é rápida e homogênea, e podemos atestar que a muda veio de determinada planta”, explica Gilson.

Neste projeto de pesquisa, também estão sendo avaliadas árvores individuais, chamadas matrizes, que possuam características desejáveis para cultivo sistematizado, como frutos maiores, mais doces e produção precoce de frutos. Em 2008, mudas produzidas a partir dessas matrizes, chama-

das progênies, foram plantadas em áreas de experimentação no centro de pesquisa de Viamão. “Por tudo o que se sabe sobre o butiazeiro, a expectativa era que as progênies só viessem a dar frutos depois dos 10 anos de idade. Mas uma delas, cujas sementes vieram de uma árvore de Esteio, começou a produzir frutos em apenas quatro anos”, conta Gilson.

Além da precocidade, estas árvores estão gerando frutos maiores do que o normal, com grau brix – que atesta se a fruta é mais doce ou não – mais elevado. “Elas agregam vários fatores importantes do ponto de vista agrônomo. Outro aspecto positivo é que,



depois de 10 anos, todas as progênes avaliadas já possuem pelo menos uma planta em fase produtiva”, avalia.

Demanda maior que a oferta

O butiazeiro pode ser explorado comercialmente para a venda da fruta in natura, o suco de butiá e a polpa, além de artesanato. Mesmo com uma produção de até 29 quilos por árvore sem trato cultural, o número de plantas em áreas naturais e em pomares instalados ainda é muito inferior à demanda atual, em algumas regiões. “Em Pelotas, por exemplo, tem uma empresa que produz sorvete, e todos os anos eles precisam de polpa, nunca tem

o suficiente. A demanda é grande, e a produção atual da fruta não consegue atender”, constata o pesquisador Adilson Tonietto.

Para algumas localidades do Estado, o fator limitante para a produção do butiá é de outra ordem. “Em regiões como Tapes, existem extensos palmares naturais de butiá, onde a produção de frutos não é um problema. A questão é a necessidade de licenciamento ambiental e a elaboração de estratégias de manejo nestas áreas”, complementa Gilson. Além de todo o potencial para produção de frutos e seu beneficiamento em sucos ou polpas, o butiá também se apresenta como uma ótima opção para a Reposição Florestal Obrigatória, que alguns



produtores devem cumprir a título de compensação por corte de árvores nativas ou recuperação de áreas degradadas. “O butiá é uma espécie nativa que pode ser explorada economicamente, então seu plantio para medidas compensatórias desperta muito interesse”, destaca Schlindwein.

Futuro da pesquisa

O próximo passo é desenvolver um programa de melhoramento, plantando este material selecionado em outros locais do estado para poder chegar a uma cultivar de butiá, um processo que levará mais alguns anos. “Por enquanto, a caracterização destas matrizes

e a multiplicação de progênies já vão permitir a produção de mudas com procedência, sobre as quais é possível prever média de produção, época de frutificação, entre outras qualidades”, detalha Gilson.

Outra ramificação do projeto de pesquisa é aplicar a metodologia de quebra de dormência e produção de mudas em espécies diferentes de butiá, uma vez que a espécie pesquisada, *Butia odorata*, é mais prevalente na parte leste do Estado. “A região Noroeste tem muito interesse no butiá, mas lá tem outra espécie – o *Butia yatay*. A pedido dos produtores da região, estamos começando a desenvolver uma pesquisa para multiplicar as plantas de lá”, revela o pesquisador.

Novidades no mercado

Diário Oficial traz registro de 42 defensivos agrícolas. Objetivo é aumentar concorrência e baratear custo dos produtos.

O Diário Oficial da União trouxe este mês o registro de 42 defensivos agrícolas. Desse total, apenas um produto traz um ingrediente ativo novo, os demais são produtos genéricos que já estavam presentes em outros produtos existentes no mercado. Da lista de registros, 29 são produtos técnicos equivalentes, ou seja, genéricos de princípios ativos já autorizados no país, para uso industrial. Outros 12 registros (10 de origem química e dois de origem microbiológica) são produtos genéricos que já estão prontos para serem usados no controle de

pragas na agricultura brasileira. Em média, os produtos registrados hoje estavam há quatro anos na fila para aprovação.

Também está na lista o registro do produto técnico à base do ingrediente ativo Florpirauxifen-benzil, que é o primeiro ingrediente ativo novo aprovado em 2019. Ele apresenta alta eficiência contra a infestação de diversas plantas daninhas para as quais hoje o produtor rural tem muitas dificuldades para controlar. O objetivo da aprovação de produtos genéricos é baratear o preço dos defensivos, o que faz





cair o custo de produção e, conseqüentemente, os preços dos alimentos para o consumidor brasileiro. Já a aprovação de novos produtos tem como objetivo disponibilizar novas alternativas de controle mais eficientes e com menor impacto ao meio ambiente e à saúde humana.

“As aprovações de novos produtos técnicos equivalentes significam que novas fábricas estão autorizadas a fornecer ingredientes ativos para fabricação dos produtos formulados que já estão registrados, possibilitando um aumento na concorrência no fornecimento industrial destas substâncias”, explica o Coordenador-Geral de Agrotóxicos e Afins da Secretaria de Defesa Agropecuária, Carlos Venâncio.

Processo de registro

Para serem registrados, os pesticidas devem ser avaliados e aprovados pelo Ministério da Agricultura quanto à eficiência agronômica, pela Agência Nacio-

CARLOS VENÂNCIO,
COORDENADOR-
GERAL DE
AGROTÓXICOS E
AFINS DA SECRETARIA
DE DEFESA
AGROPECUÁRIA:
“AS APROVAÇÕES
DE NOVOS
PRODUTOS TÉCNICOS
EQUIVALENTES
SIGNIFICAM QUE
NOVAS FÁBRICAS
ESTÃO AUTORIZADAS
A FORNECER
INGREDIENTES ATIVOS
PARA FABRICAÇÃO
DOS PRODUTOS
FORMULADOS QUE JÁ
ESTÃO REGISTRADOS,
POSSIBILITANDO
UM AUMENTO NA
CONCORRÊNCIA NO
FORNECIMENTO
INDUSTRIAL DESTAS
SUBSTÂNCIAS”.



nal de Vigilância Sanitária (Anvisa) quanto ao impacto para a saúde humana e pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) quanto aos impactos ao meio ambiente. Não há ingerência política na análise e a avaliação técnica realizada pelos três órgãos federais está alinhada às melhores práticas internacionais.

Com a publicação de hoje, chega a 211 o número de produtos autorizados desde o início do ano. O aumento da velocidade dos registros se deve a ganhos de eficiência possibilitados por medidas desburocratizantes implementadas nos três órgãos nos últimos anos, em especial na Anvisa, que modernizou seu processo a partir de 2015.

Nos últimos três anos, foram quebradas as patentes de ao menos 15 ingredientes ativos que antes eram comercializados apenas por uma empresa. Nesses casos o tempo da patente e da proteção de dados já havia expirado, mas as empresas continuavam comercializando os ingredientes ativos sozinhas no mercado, pois não havia o registro dos genéricos. Nos próximos meses, mais seis ingredientes ativos hoje comercializados por apenas uma empresa também devem ter genéricos registrados.

Segurança

Os critérios usados pelo Brasil para a aprovação de novos registros são mais rígidos do que



os de outros países. Se fôssemos usar a classificação internacional, o Sistema Globalmente Harmonizado de Classificação e Rotulagem de Produtos Químicos, conhecido como Sistema GHS, o índice de pesticidas classificados como extremamente tóxicos no Brasil passaria de 34% para cerca de 14%.

“O Ministério da Agricultura garante a qualidade dos alimentos produzidos e consumidos no Brasil e condena a campanha de desinformação que está sendo feita sobre esse assunto, que é extremamente técnico. Nossos alimentos são exportados para 160 países e testados tanto na saída do

Brasil quanto na entrada em outros países. Quando há resíduos, estão muito abaixo do que é permitido pelos códigos internacionais”, explica a ministra Tereza Cristina (Agricultura, Pecuária e Abastecimento).

O relatório do Programa de Análises de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA), realizado pela Anvisa, mostrou que cerca de 99% das amostras de alimentos analisadas entre 2013 e 2015 estavam livres de resíduos que representam risco agudo para a saúde. Um novo relatório com a análise dos dados de monitoramento de resíduos de 2016 a 2018 deve ser divulgado neste

ano. O objetivo de fazer a fila andar no Brasil é justamente para aprovar novas moléculas, menos tóxicas e ambientalmente corretas, e assim substituir os produtos mais antigos. Atualmente, são mais de 2 mil produtos na fila para serem avaliados e o prazo legal para a liberação é de quatro meses. Há produtos que estão na fila há mais de oito anos.

O fato de haver mais marcas disponíveis no mercado não significa que vai aumentar o uso de defensivos no campo. O que determina o consumo é

a existência ou não de pragas, doenças e plantas daninhas. Os agricultores querem usar cada vez menos em suas plantações, pois os defensivos são caros e representam 30% do custo de produção.

Novo herbicida

O Florpirauxifen-benzil é um herbicida de modo de ação ainda inédito no território nacional. O produto formulado à base deste novo herbicida, que no futuro poderá ser utilizado para o controle de plantas daninhas na



O fato de haver mais marcas disponíveis no mercado não significa que vai aumentar o uso de defensivos no campo. O que determina o consumo é a existência ou não de pragas, doenças e plantas daninhas.

cultura do arroz, ainda está em fase final de análise nos órgãos federais envolvidos, com previsão de finalização para as próximas semanas. O ingrediente ativo em questão ganhou o prêmio de química verde em 2018.

“Com este novo herbicida, o produtor rural terá uma nova alternativa altamente eficiente para

plantas daninhas de difícil controle e de menor toxicidade do que os disponíveis hoje no mercado”, destacou Venâncio. O registro de um produto técnico novo é a primeira fase de registro de um defensivo. Nesta fase, o Ibama avaliou o impacto ao meio ambiente e a Anvisa realizou análise quanto ao impacto na saúde humana.







FRUTICULTURA

Gotas de prosperidade

Projetos de Irrigação da Codevasf produziram cerca de 3,8 milhões de toneladas de produtos agrícolas em 2018.



Aproximadamente 3,8 milhões de toneladas de itens agrícolas, principalmente frutas, foram produzidas nos Projetos Públicos de Irrigação administrados pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) na bacia hidrográfica do rio São Francisco, em 2018. Juntos, os projetos alcançaram

R\$ 2,6 bilhões em valor bruto de produção e geraram cerca de 246 mil empregos diretos e indiretos. Os dados foram divulgados pela Área de Gestão de Empreendimentos de Irrigação da Companhia e não incluem as atividades de pecuária e aquicultura desenvolvidas nos projetos.

“A Codevasf vem desempenhando, há mais de 40

Em 2018, o carro-chefe da produção agrícola nos Projetos Públicos de Irrigação administrados pela Codevasf continuou sendo a fruticultura irrigada, com destaque para a uva, a manga e a banana.



A área cultivada no período foi de 98,4 mil hectares, beneficiando 11,3 mil produtores. A grande maioria deles, cerca de 10 mil produtores, são representantes da agricultura familiar.

anos, o papel de agente promotor da redução das desigualdades e de indução ao desenvolvimento sustentável na sua área de atuação, sobretudo na bacia hidrográfica do São Francisco. Na agricultura irrigada, a empresa promove, entre outras ações, a geração de emprego e renda, com a consequente melhoria da qualidade de vida e redução da emigração

rural na região”, afirma o diretor-presidente da Companhia, Marco Aurélio Diniz.

Em 2018, o carro-chefe da produção agrícola nos Projetos Públicos de Irrigação administrados pela Codevasf continuou sendo a fruticultura irrigada, com destaque para a uva, a manga e a banana, principais culturas no vale do São Francisco, de acordo com o valor bruto





de produção. A área cultivada no período foi de 98,4 mil hectares, beneficiando 11,3 mil produtores, a maioria produtores familiares, cerca de 10 mil.

A irrigação é um dos eixos prioritários de atuação da Codevasf visando ao desenvolvimento regional. Nessa área, os objetivos estratégicos da Companhia visam expandir a agricultura irrigada; aprimorar a eficiência da irrigação e implementar a gestão autossustentável nos projetos públicos irrigados localizados nos estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas.

MARCO AURÉLIO DINIZ, PRESIDENTE DA CODEVASF: “A EMPRESA VEM DESEMPENHANDO, HÁ MAIS DE 40 ANOS, O PAPEL DE AGENTE PROMOTOR DA REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES E DE INDUÇÃO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA SUA ÁREA DE ATUAÇÃO, SOBRETUDO NA BACIA HIDROGRÁFICA DO SÃO FRANCISCO”.

A irrigação é um dos eixos prioritários de atuação da Codevasf visando ao desenvolvimento regional. Nessa área, os objetivos estratégicos da Companhia visam expandir a agricultura irrigada.

O glifosato e a insegurança jurídica

• Por Fernando Tardioli*

Produtores rurais de soja e milho, entre outras culturas, estão em vias de iniciar o plantio da safra 2019/2019. Tudo parecia correr bem até que uma liminar, concedida no dia 3 de agosto pela juíza federal substituta Luciana Raquel Tolentino de Moura, da 7ª Vara do Distrito Federal, proibiu o uso do glifosato – um defensivo amplamente utilizado nas lavouras há muitos anos. Trinta dias depois, eles puderam respirar aliviados, ao menos, por enquanto: o Tribunal Regional Federal da 1ª Região, em Brasília (DF), derrubou a liminar.

A situação merece algumas reflexões. A primeira delas é o fato de que o Brasil é um dos maiores produtores de alimentos do mundo. Necessita manter – e até ampliar – as condições necessárias para que o plantio aconteça dentro do planejado, sob pena de impactar sobremaneira a economia nacional.

Pegando como exemplo a soja, o Brasil é o segundo maior produtor mundial do grão. De acordo com dados da Embrapa - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – a safra 2017/2019 produziu quase 117 milhões de toneladas, plantadas em 35 milhões de hectares. Exportações do grão, farelo e óleo renderam US\$ 31,7 bilhões para o país. São números expressivos que não podem ser afetados por uma situação de insegurança jurídica, como esta que acabamos de vivenciar.

A segunda reflexão envolve o próprio glifosato, um herbicida de amplo espectro bastante eficaz, econômico e biodegradável. O Ministério da Agri-

cultura, Pecuária e Abastecimento e a Advocacia Geral da União, em recurso apresentado ao Tribunal Regional Federal, argumentaram que nenhuma proibição deve acontecer com base em estudos unilaterais, sem conclusões toxicológicas comprovadas por órgãos competentes. Defendem que, caso seja provado que a substância traz riscos à saúde, os produtores precisam de um prazo para se adaptar, conhecer e testar outras soluções.

Com a inserção cada vez mais intensa da tecnologia no agronegócio, é importante investir e fomentar pesquisas que tenham como foco produzir com eficiência sem danos à saúde humana. O que não se pode aceitar é que, às vésperas do plantio de uma nova safra, argumentos científicos com pouca ou nenhuma relevância impactem a balança comercial brasileira – com riscos de perdas que podem chegar a bilhões de reais –, desabastecem o mercado interno e resultem em perdas de produtividade e competitividade no cenário internacional.



***Fernando Tardioli**
é advogado
especializado em
Agronegócio e
Recuperação Judicial.
É sócio do escritório
Tardioli Lima
Advogados

QUEM ACREDITA,
FAZ COM O CORAÇÃO.
INCLUSIVE NA HORA DE
VOTAR NA MARCA MAIS
LEMBRADA DO CAMPO.



A Massey Ferguson é Top of Mind Rural em
tratores e colheitadeiras porque acredita na
força da nossa terra, na tecnologia e na garra do
homem do campo. Obrigado pela confiança e por
acreditar em quem acredita em você.





-Escala+City

NOSSO DIA A DIA É DESENVOLVER NOVAS SOLUÇÕES PARA FACILITAR O SEU.

Há mais de 45 anos, a STIHL escreve sua história no Brasil, entendendo o dia a dia de quem faz parte do agronegócio. Por isso, quem quer fazer mais e melhor no campo busca a solução nos mais de 90 produtos STIHL, que já se tornaram sinônimo de tradição e qualidade.



@STIHLBrasil



STIHL Brasil Oficial



@STIHLoficial

0800 707 5001

Sua história faz a nossa história.

STIHL®